



**AS SOCIEDADES ITALIANAS NA CIDADE DE PELOTAS:  
UM OLHAR SOBRE A IMIGRAÇÃO CIDADINA NO PERÍODO DE 1870-1922**

Fabiano Neis<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo é fruto da comunicação apresentada no simpósio *Fronteiras transculturais: imigração, urbanização e empreendedorismo*. Durante o último quartel do Século XIX e início do Século XX, o Rio Grande do Sul recebeu em torno de 80 mil famílias de imigrantes italianos. O destino de muitos imigrantes foram as colônias imperiais criadas na encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul. No entanto, a área colonial de Pelotas, localizada na Serra dos Tapes, foi destino de imigrantes italianos, nas colônias Affonso Pena, Accioly e Maciel, criadas na primeira metade da década de 1880. Na área urbana de Pelotas, desde a década de 1830, encontravam-se imigrantes italianos, estes imigrantes que para cá vieram participaram das mudanças e na modernização da área urbana da cidade. Estes imigrantes citadinos mantinham uma atividade cultural atuante na cidade, exemplo disso foram as entidades associativas de italianos que existiram: primeiramente em 1873 com a “*Unione e Philantropia*”; em 1877a “*Unione e Philantropia (dissidentes)*”; em 1883 a “*Sociedade de Benificiência e Instrução Circolo Italiano*”; em 1891 a “*Sociedade 20 de setembro*”; em 1892 a “*Sociedade de Socorros Mutuos Cristoforo Colombo*”. Sendo assim, pretende-se analisar a importância das sociedades italianas na cidade de Pelotas para a manutenção da identidade étnica destes imigrantes.

### **A imigração italiana no Rio Grande do Sul**

O Rio Grande do Sul, desde o Século XVIII, já recebia imigrantes. Primeiramente portugueses provenientes da Ilha dos Açores. A imigração açoriana foi um movimento estratégico para que o domínio português fosse resguardado, exemplo disso foi que, em 1752, cerca de 40 casais de açorianos fundaram o Porto dos Casais – atualmente Porto Alegre - e começaram a ocupar a faixa litorânea e adentrando pelo vale do Rio Jacuí.

A partir de 1824, foi a vez dos imigrantes alemães começarem a ocupar o vale do Rio dos Sinos com objetivo de produção alimentícia de subsistência, além da estratégia de defesa das fronteiras do Império, sendo os homens alemães, mercenários para a formação da Guarda Nacional. O historiador Mario Maestri aponta que:

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pelotas. fabiano.prettoneis@gmail.com



De 1824 a 1830, 5.350 colonos alemães estabeleceram-se no Rio Grande do Sul, na franja da floresta, nos primeiros contrafortes da Serra Geral, até os trezentos metros de altura, onde começam a abundar os pinheirais. A fundação da colônia almejava defender os territórios sulinos, abastecer Porto Alegre, gerar conscritos para os exércitos. (MAESTRI, 2005, p.19)

A vinda de imigrantes europeus para o Brasil a partir de 1850 representava o lento e gradual processo de substituição da mão-de-obra escrava, bem como o branqueamento populacional. Constata-se este processo com base na Lei Eusébio de Queiroz, *Lei Nº 581*, assinada em 04 de setembro de 1850, que determinava a proibição da entrada de navios para a comercialização de escravos. Com a proibição do tráfico de mão-de-obra escrava para trabalhar nas fazendas, seria necessária uma alternativa para a questão. A alternativa encontrada foi o começo da utilização de uma mão-de-obra assalariada, embora esta prática só tenha sido realmente adota após a abolição da escravatura, através da Lei Áurea em 1888.

Outra medida importante para o processo de entrada de imigrantes no império brasileiro, e mais especificamente de extrema importância para o Rio Grande do Sul, foi a *Lei Nº 601*, promulgada em 18 de setembro de 1850, através da qual houve a transformação de terras em mercadoria, isto é, as terras a partir de então deveriam ser comercializadas, e não haveria mais títulos de doação de terras, que comumente acontecia, desde o período colonial no sistema de doação de sesmarias e posteriormente as colônias para imigrantes alemães.

Se os portugueses e alemães chegaram entre o Século XVIII e a metade do Século XIX, o processo de imigração Italiana no Rio Grande do Sul teve seu início durante o último quartel do século XIX. Segundo a historiografia tradicional são diversos motivos que levaram à vinda dos italianos para a América, entre eles citamos: os conflitos pelos quais passava a Itália devido à Unificação (1870) <sup>2</sup>, motivo esse de extrema importância, que será analisado especificamente mais adiante, as poucas terras disponíveis aliado ao grande índice populacional, o êxodo rural, a falta de emprego nas cidades, a *pellagra*<sup>3</sup> e a miséria. Logo esses motivos, para que a imigração ocorresse, alimentam uma visão idealista do processo,

---

<sup>2</sup>Leva-se em conta como o processo da Unificação Italiana, o ano da conquista e proclamação de Roma como capital da Itália em 20 de setembro de 1870. Já que, em 1861 simplesmente ocorreu a proclamação do rei Vítorio Emanuel como Rei do Reino Unido da Itália, e Veneza só seria anexada ao novo reino em 1866.

<sup>3</sup> A *pellagra* era uma doença causada pela falta de vitaminas e proteína animal, causando seqüelas cutâneas, gastrointestinais e nervosas.



pois segundo esta, aqui era a terra da “cocagna”, isto é, a terra da fartura, a qual eles finalmente seriam donos.

Com o intuito de povoar as terras devolutas na encosta superior do nordeste da Província de São Pedro, foram criadas as Colônias Conde D’Eu e D.Izabel (1870), Fundos de Nova Palmira (1875) e Silveira Martins (1877) na região central. Segundo a historiadora Luiza Horn Iotti, “de 1875 a 1889, o Rio Grande do Sul recebeu, aproximadamente, 40 mil imigrantes [italianos], provenientes, sobretudo da Lombardia, Vêneto e do Tirol”(IOTTI, 2010, p.73). Exemplo dessa presença maciça de imigrantes italianos na serra e na área central do estado, algumas localidades e cidades receberam o nome de “Nova...”, uma nova cidade italiana na Serra do Rio Grande do Sul, como os vilarejos de Nova Milano, Nova Vicenza, Nova Sardenha ou até mesmo cidades como Nova Pádua, Nova Bréscia, Nova Roma do Sul, Vale Vêneto, etc.

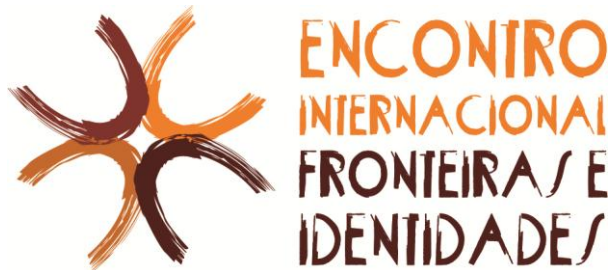
### **A presença de italianos na área rural e urbana em Pelotas**

O fenômeno da imigração italiana não se restringiu apenas a área central e nordeste do Rio Grande do Sul, mas também a região sul recebeu imigrantes italianos. Começamos afirmando esta presença a partir das comemorações do Cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul em 1925. Trata-se do relato escrito pelo religioso Cônego José Barea, secretário do Arcebispo Metropolitano Dom João Becker, o qual descreve a situação das colônias italianas no rio Grande do Sul, em uma perspectiva religiosa. Dentre as comunidades que ele descreve, acaba citando a Colônia Maciel, pertencente ao município de Pelotas:

Colônia Maciel (Pelotas) – Diverse famiglie italiane, La maggior parte trevisane e vicentine, hanno fondato questo núcleo coloniale, oggi sede di parrocchia, eretta da D. Giacobbe Lorenzet; ma dovuto all’isolamento in cui si trovano, hanno perduto quase interamente l’uso della língua italiana. Il loro numero ascende a 125 famiglie. (BAREA apud VAZATTA, 1997, p. 119)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>Colônia Maciel (Pelotas) – Diversas famílias italianas, a maior parte trevisanos e vicentinos, fundaram este núcleo colonial, hoje sede da paróquia, erguida por D. GiacobLorenzet, mas devido ao isolamento em que se encontram, perderam quase inteiramente o uso da língua italiana. Seu número é superior a 125 famílias. (tradução livre feita por Fabiano Neis).



A área colonial da cidade de Pelotas localiza-se, em sua predominância, na Serra dos Tapes, e devido a sua topografia acidentada não era comumente utilizada para a criação de gado, atividade esta associada as grandes charqueadas que existiram nas áreas planas banhadas pelo Arroio Santa Bárbara, o canal São Gonçalo e o Arroio Pelotas. Sendo assim, a partir de 1850:

Toda a Serra [dos Tapes] foi dividida em pequenas propriedades, as picadas multiplicavam-se e nelas o movimento crescia. Estabeleceu-se ali uma corrente de imigrantes, que geralmente não chegavam diretamente da Europa. Eram originários das colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul, sendo, na sua maioria, alemães. Mas afluíram para lá também espanhóis, austríacos, franceses e italianos, muitas vezes vindos mesmo de outras províncias. De caráter espontâneo, essa imigração era atraída pelos organizadores das colônias, que, com ela, auferiram grandes lucros. (GRANDO apud ANJOS, 1995, p.12).

Carl Otto Ulrich, professor primário, agrimensor e pastor evangélico se fixou na Colônia Santo Antônio, localizada na Serra dos Tapes. Em 1898 foi publicado, em Berlim, por R. Jannasch, “Conselhos aos Emigrantes para o Sul do Brasil”, na qual Ullrich escreveu um texto sobre a região da Serra dos Tapes. Além de focar na Colônia Santo Antônio, ele dá um parecer sobre as demais colônias localizadas na região, totalizando 31 núcleos coloniais. Especificamente sobre a Colônia Maciel, ele descreve:

(...) Maciel, uma colônia do governo de 50 lotes de 360.000 m<sup>2</sup>, habitada por 56 famílias italianas, num mesmo número de casas. Há cinco casas comerciais, dois moinhos, uma escola da comunidade, uma escola do governo e uma igreja católica. A produção é de milho, feijão, tremoço, vinho, cevada, trigo, etc.(ULRICH, 1999, p.146)

Tanto o texto do professor Ulrich quanto do religioso Barea, são relatos importantes para os estudos referentes a ocupação por imigrantes italianos, no último quartel do Século XIX na área rural de Pelotas.

Já, a presença de italianos na área urbana de Pelotas é anterior ao ano de 1875. Desde a década de 1830, era possível encontrar italianos no cotidiano da cidade. A historiadora Luciana Peixoto(2003), constatou que no *Livro de Sócios do Teatro Sete de Abril*, inaugurado em 02 de dezembro de 1833, no mês de Dezembro de 1834 constavam dois nomes italianos na lista dos sócios: **Constantina Gravani e Lourenço Fontani.**

Outro estudo sobre a presença de italianos na cidade de Pelotas anterior a década de 1870 foi o do historiador Marcos Hallal dos Anjos que ao analisar os registros de internação



na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas separou os dados obtidos em dois períodos-1850 a 1875- e 1876 a 1900, constatou a seguinte nacionalidade dos pacientes:

Nacionalidade	1850-1875	1876-1900	Total
Portugueses	1.888	2151	4039
Italianos	87	1036	1123
Alemães	408	698	1106
Espanhóis	162	473	635
Franceses	162	403	565

(ANJOS, 2000, p.81)

Ou seja, através dos dados obtidos podemos ter duas análises distintas. Primeiramente a de que antes de 1875, mesmo em uma escala menor, pelotas possuía um número significativo de italianos. Por último, que após 1875, período em que o Rio Grande do Sul passa a receber um elevado número de imigrantes italianos, a presença italiana torna-se significativa nos atendimentos hospitalares da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Outro dado apontado pelo historiador foi através do recenseamento urbano ocorrido em 1899, o qual demonstrava a presença dos seguintes elementos estrangeiros:

Italiano	654
Uruguaio	482
Espanhol	457
Alemão	291

(ANJOS, 2000, p.83)

O autor afirma categoricamente que através dos dados obtidos, “comprovasse, assim, a superioridade numérica dos italianos frente a outros elementos estrangeiros não portugueses na zona urbana de Pelotas, no último quartel do século passado” (ANJOS, 2000, p.83)

Estes imigrantes residentes na área urbana possuíam as mais diversas ocupações das quais destacamos as de alfaiates, ferreiros, sapateiros, funileiros, pedreiros, barbeiros e arquitetos. No ramo fabril, as fábricas de massas, fumos, calçados e mosaicos. A rede hoteleira possuía cinco hotéis, os quais pertenciam a italianos.



## **As sociedades ítalo-pelotense**

As sociedades étnicas desempenharam um papel importante para a manutenção da identidade de diversos grupos de imigrantes. Lembramos que as sociedades foram criadas a partir das necessidades:

Em resumo, a localização de imigrantes de uma mesma origem nacional em áreas circunscritas facilitou uma organização comunitária étnica e a manutenção do uso cotidiano da língua materna. Por outro lado, a relativa ausência do Estado no âmbito assistencial, especialmente no período sob administração colonial, levou os colonos a formação de associações de auxílio-mútuo e a criação de escolas elementares – que depois teriam papel importante na especificação das peculiaridades étnicas (SEYFERTH, 2000, p.148)

As sociedades italianas no Rio Grande do Sul, segundo a definição dos estudos feitos pelo historiador Paulo Possamai para compreender a formação da identidade entre os imigrantes italianos seria a de que:

Algumas delas [sociedades] mantinham vínculos com o governo italiano, através do consulado; outras, com a maçonaria ou com a igreja. Quanto aos objetivos, algumas dessas associações eram sociedades recreativo-culturais, ao passo que outras eram sociedades de mútuos-socorro, dedicadas a proteger seus associados através de pecúlios e aposentadorias. As sociedades que mais se destacaram foram as formadas pela burguesia, ainda que houvessem criado algumas associações do gênero. (POSSAMAI, 2005, p.93)

O imigrante italiano que se radicou na área urbana da cidade de Pelotas, além de participar da modernização da cidade, marcou presença significativa na área cultural da mesma. Exemplo desta participação foram as diversas sociedades étnicas que existiram entre as décadas de 1870/1930. E como dito anteriormente, que as sociedades costumavam ser formadas por membros da burguesia, em Pelotas não aconteceria o contrário.

Em Pelotas, a primeira sociedade italiana que surgiu foi a *Unione e Philantropia* datada de “10 de outubro de 1873” (ANJOS, 2000, p.131), nas dependências do Hotel Aliança, o qual pertencia a propriedade de dois italianos, Santiago Praty e Gaetano Gotuzzo. Mesmo tendo sido a primeira, após alguns anos houve uma ruptura entre os membros gerando uma nova sociedade, por incrível que pareça, com o mesmo nome da primeira. No entanto, esta segunda sociedade foi aprovada pelo Presidente da Província e pelo



Cônsul Geral da Itália pelo ato número 1056 de 04 de maio de 1877, através das páginas do Jornal Diário de Pelotas:

Società italiana Unione e Philantropia  
(aprovada pelo governo brasileiro pelo decreto N°1056 de 04/05/77)  
Assemblea straordinaria generale domenica 16 corrente alle hore 2 nella presidenza del vice presidente Signore Giacomo Berutti. Sono pregati tutti i socci a comparire a questa sessione per doversi trattare d'afarid'urgenti interessi. Giuseppe Antonio Cafaro – Vice segretario.<sup>5</sup> (Diário de Pelotas, 14/09/1877)

A *Unione e Philantropia* (dissidentes), então formada no primeiro semestre de 1877, acabou comprando um terreno localizado na Rua 16 de julho (atual Dr. Cassiano) entre a Rua Paissandu (atual Barão de Santa Tecla) e Marques de Caxias (atual Santos Dumont). Segundo o Jornal Diário de Pelotas, no dia 20 de setembro daquele ano, houve a solenidade do lançamento da pedra fundamental:

Hontem as 8 horas da manhã realizou-se a cerimônia da colocação da pedra fundamental para o novo edifício que vai construir a sociedade italiana Unione e Philantropia, da qual é presidente o senhor Pascoal Fache. O terreno é colocado na rua 16 de julho, quadra entre as de Paysandu e Marquez de Caxias 10m34cm de frente e 33m de fundo. O ilustre Senhor comendador Miguel Rodrigues Barcellos sócio bem feitor daquela sociedade, colocou a pedra e após proferiu algumas palavras relativas ao acto, finalizando com vivas a nação italiana, a sociedade Unione e Philantropia e aos sócios dessa humanitária sociedade. A sociedade executou por essa ocasião o hynno nacional e uma girândola de foguetes subiu ao ar. A cerimônia da bênção da pedra foi effectuada pelo reverendo padre Catalan<sup>6</sup>. O senhor Jeronymo Canevaro, le vantou vivas a nação brasileira, ao brioso povo pelotense ao philantropico médico Barcellos, os quaes foram com entusiasmo correspondidos, executando a banda de musica o hynnoitaliano. Além dos sócios da Unione, compareceram os representantes da imprensa e muito povo. A sociedade Unione e Philantropia desejamos muitas prosperidades. (Diário de Pelotas, 21/09/1877)

A data escolhida pela sociedade, para a solenidade do lançamento da pedra fundamental faz alusão a data máxima da unificação italiana, quando finalmente Roma passa a ser parte do novo reino italiano, em 1870. Isto é, uma das funções das sociedades italianas era justamente a de dar “manutenção dos vínculos com a Itália, através das celebrações das datas nacionais do reino unificado” (POSSAMAI, 2005, p.97)

<sup>5</sup> “Sociedade italiana Unione e Philantropia (aprovada pelo governo brasileiro pelo decreto N°1056 de 04/05/1877. Assembléia extraordinária geral domingo às 2 horas na presidência do vice-presidente senhor Giacomo Berutti. São solicitado todos os sócios a comparecerem a essa sessão para tratarem de assuntos de urgente interesse” Tradução feita pelo autor.

<sup>6</sup> Provavelmente o jornal esteja se referindo ao padre italiano Caetano Catalano que era coadjutor em Rio Grande, além de ser divulgador dos ideais abolicionistas, distinguiu-se como bom orador. (RUBERT, 1977, p.114)



Em Pelotas foram fundadas outras sociedades italianas nas décadas seguintes, dentre as quais destacamos a *Sociedade de Beneficência e Instrução Circolo Italiano*, a *Sociedade 20 de setembro* e a *Sociedade de Socorros Mutuos Cristoforo Colombo*.

A *Sociedade de Beneficiencia e Instrução Circolo Italiano* foi fundada em 03 de junho de 1883, na Rua Andrade Neves, que segundo Marcos Hallal tinha por objetivo “cultivar o espírito de seus membros por meio de leitura e conversações literárias e estabelecer um fundo de socorro para auxiliar os sócios enfermos” (ANJOS, 2000, p. 133).

Já na década de 1890, foram criadas duas novas sociedades com objetivos distintos. Primeiramente em 1891, a *Sociedade 20 de setembro*, criada em 19 de outubro de 1891, atuando ativamente na cidade para as comemorações do 20 de setembro. A segunda sociedade foi a *Sociedade de Socorros Mutuos Cristoforo Colombo*, oficializada em 16 de outubro de 1892, voltada para o assistencialismo

As diversas sociedades ítalo-pelotenses permitem confirmar a presença significativa do elemento ítalo no cotidiano e na vida cultural de Pelotas. Além da presença, o significativo número de sociedades italianas, por si só é um elemento rico para estudos referentes a presença italiana, pois segundo Marcos Hallal:

Conclui-se que a prática associativa foi extremamente difundida entre os italianos em Pelotas. Muito ativas, as sociedades organizavam-se com objetivos múltiplos, que iam desde auxílio mútuo até a promoção de debates literários e espetáculos artísticos. Promovendo a integração do estrangeiro à sociedade local, preservação e formação de uma identidade cultural, (...) (ANJOS, 2000, p.135)

## **Conclusões**

Desta forma, contando com as informações encontradas até o momento, podemos concluir que as sociedades italianas, na cidade de Pelotas, desempenharam um importante papel na construção da identidade ítalo-pelotense. Além de contribuírem na difusão de um sentimento de italianidade, devido a recém unificação da Itália.

Podemos ressaltar ainda que o elemento italiano se fez presente no período analisado contribuindo de forma importante no cotidiano da cidade, nas mais diversas áreas sócio-econômicas. Sendo assim, Pelotas, no final do Século XIX e início do Século XX, passa de uma cidade típica luso-brasileira para uma cidade cosmopolita.





### Fontes impressas:

Centro de Documentação de Obras Valiosas da Biblioteca Pública Pelotense:

Jornal O Diário de Pelotas – 14/09/1877 e 21/09/1877

### Bibliografia

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Italianos e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. História em Revista: Ed. Universitária/UFPel. v.5,dez,1999, p.33-47

\_\_\_\_\_. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e Poder**: a palavra oficial sobre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2010

MAESTRI, Mario. **Os senhores da Serra**: a colonização italiana no Rio Grande do Sul 1875-1914. Passo Fundo: UPF, 2005

PEIXOTO, Luciana da Silva. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS**: Colônia Maciel: lembranças imagens e coisas. Monografia de Conclusão de Curso. UFPel. Pelotas: 2003

POSSAMAI, Paulo. **“Dall’Italia siamo partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005

RUBERT, Arlindo. **Clero secular italiano no Rio Grande do Sul (1815-1930)**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1977

SEYFERTH, Giralda. **As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional**. Horizontes Antropológicos: Porto Alegre, n.14, nov, 2000, p. 143-176

ULLRICH, Carl Otto. As Colônias Alemãs no Sul do Rio Grande do Sul. **História em Revista**. Pelotas: Ed. Universitária / UFPel, v.5, dez,1999, p.137 -161

VAZATTA, Abrelino Vicente. **Italiani in Rio Grande: testimonianze di storia umana e civile**. Caxias do Sul: Istituto Veneto per i Rapporti con l'America Latina, 1997